

AU REVOIR, CAROLINA

Warley Matias de Souza

AU REVOIR, CAROLINA



Souza, Warley Matias de, 1974-
Au revoir, Carolina / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2019.
133 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-924102-4-7

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD-028.5

AU REVOIR, CAROLINA
Copyright © 2019 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer
processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetejada
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis.

CAPÍTULO I

Tio Joaquim

Tio Joaquim era o esquisitão mais esquisito que já conheci. Magro, alto, óculos grossos, até o dia em que pôde substituí-los por potentes lentes de contato. Calado, introspectivo, o seu pensamento não parava. Conversar amenidades com tio Joaquim era querer ser ignorado. Sua mente era muito superior à dos outros mortais.

E um detalhe importante, ele odiava crianças; assim, fui o único “monstro” que conseguiu aproximar-se dele. Fato é que, quando eu ainda engatinhava, entrei no laboratório que ele mantinha nos fundos da casa da minha avó, e aquele lugar virou o meu segundo lar.

No início, o tio ficou um pouco chateado por aquele “monstro” ter invadido seu santuário científico; mas como, apesar das tentativas da família de me conter, eu insistia em ir até lá, o tio começou a me ver de um jeito diferente e abriu as portas de seu reduto para mim, um privilégio que só pude entender bem mais tarde.

Ninguém, além de mim e ele, entrava naquele mundo de tubos, espirais e bolhas. Isso significava que tio Joaquim confiava em mim, coisa rara para um *nerd* sorumbático e desconfiado.

Assim que comecei a estudar, era para lá que eu ia ao sair da escola, onde fazia meus deveres, enquanto o tio parecia ignorar-me, a mente imersa em suas experiências. Porém,

sempre havia espaço para minhas dúvidas, e o tio, diante de minha curiosidade, deixava transparecer um brilho no olhar que me fazia querer ser o seu orgulho. Por isso, eu perguntava mais e mais.

Tio Joaquim tinha especializações em Química, Filosofia, Literatura, Física Quântica e uma pá de outras áreas do conhecimento. Sabia de tudo, mas sempre citava Sócrates: “Só sei que nada sei”.

— Tio Joaquim — disse-lhe eu, por volta do meu décimo aniversário — hoje eu falava de Platão com um colega meu na escola. Ele riu de mim e disse que “essa tal de filosofia” não serve para nada. Então, tio, para que serve então a filosofia?

Ele desviou seus olhos das anotações que fazia em sua agenda, onde registrava os resultados de suas experiências, e olhou-me por cima de óculos invisíveis, um costume do tempo em que usava óculos e do qual jamais se livrou.

— Escobar, o que não serve para nada é a arte, já a filosofia acaba sendo funcional. Ainda se discute se a filosofia é ou não é uma ciência. Contudo, não quero entrar no mérito da questão. Mas, com certeza, ela não é uma arte. Portanto, seu caráter de funcionalidade é pertinente.

Ele falava meio difícil mesmo; mas se esforçava ao máximo para que eu entendesse suas ideias.

— Explique, tio, por favor, pois não entendi.

Ele respirou fundo, num gesto de cansaço mais do que de impaciência, com o qual eu já tinha me acostumado.

— Qual foi o último livro que você leu?

— *O pequeno príncipe*.

— E para que serve *O pequeno príncipe*?

Olhei para os meus pés, enquanto pensava, depois caminhei pelo laboratório e, por fim, sentei-me em um tamborete perto da janela. Olhando para um imenso céu azul, respondi:

— Para refletir.

— Não, Escobar, não serve para nada. Se tivesse a utilidade que você defende, o texto diria para você refletir sobre esse ou qualquer outro assunto. Mas não, o narrador apenas narra a história. É você, como leitor, que reflete ou não sobre os fatos, que se posiciona ou não diante dos mesmos. Prova disso é que outras pessoas não farão reflexões; muito pelo contrário, rejeitarão a obra.

— E para que fazer algo que não serve para nada?

— Para mostrar que a vida é mais do que funções a serem executadas.

— Tem a ver com aquilo que você me disse? Que a arte afasta as pessoas da animalidade?

— A relação é pertinente.

Aquelas ideias embaralhavam-se na minha cabeça, deixavam-na pesada. Mas quando eu conseguia compreendê-las, o peso diminuía, e a leveza do conhecimento tomava conta de mim.

Porque fiquei em silêncio, ele provocou-me:

— Perdeu o fio da meada?

— Quê? — falei, em meio à minha lerdeza costumeira.

— Você queria saber sobre filosofia.

— É mesmo, sobre filosofia.

— Filosofia não é uma arte, por isso ela pode ter uma função. Não quero ser reducionista, mas basicamente ela poderia ter a função de levar o ser humano a refletir sobre a realidade, entendê-la o máximo possível e, principalmente, criticá-la; quiçá, transformá-la.

“Reducionista.” Aprendi essa palavra quando eu tinha cinco anos. E usava-a para tudo. Gostava dela, de seu som. Na verdade, ainda gosto.

Lembro-me de uma vez em que minha mãe ficou muito brava porque eu tinha brigado com um colega na escola. E, enquanto chamava a minha atenção, não me deixava explicar a complexidade de tudo aquilo, pois ninguém duvida que a vida de um menino de cinco anos é extremamente complexa. Então, entre lágrimas magoadas, eu disse-lhe, dono da razão:

— Você está sendo muito reducionista, mãe!

Ela franziu a testa e, logo em seguida, começou a rir, o que me deixou ainda mais magoado. Saí da sala, enquanto batia o pé, malcriado, e gritava:

— Malditos reducionistas!

Segundo tio Joaquim, tudo é relativo, inclusive o tempo. Mas sobre a relatividade do tempo, meu tio baseava-se em Einstein. Porém, suas reflexões iam além de uma teoria da física, sua relatividade era filosófica.

— Uma hora é sempre uma hora em qualquer lugar, Escobar?

— Não entendi, tio.

— Vamos lá. Quantos minutos temos em uma hora?

— Sessenta minutos.

— Muito bem. Os sessenta minutos têm a mesma duração em qualquer lugar aqui do planeta?

— Imagino que sim.

— Eu lhe digo que o tempo é relativo, não só em relação ao espaço. Isso porque o tempo é, acima de tudo, subjetivo.

— Explique, tio.

— Quando você estava na feira de ciências no Canadá, o tempo passou rápido ou lento?

— Muito rápido.

— E quando você foi vítima daquela enxaqueca e ficou de cama?

— Ai, muito lentamente.

— Concluimos então que, quando sentimos prazer, o tempo passa rápido e, quando sentimos desprazer, o tempo é lento, correto?

— É isso mesmo!

— No entanto, não houve alteração no tempo físico.

— Entendi, tio.

CAPÍTULO II

O viajante

Pensar que o tempo é relativo, que tudo na vida, não só o tempo, é relativo, pode dar um nó na nossa cabeça. Mas eu gostava de nós, e gostava também de desatá-los. No entanto, tinha consciência de que há nós que não se desatam de maneira alguma, que permanecem nós até o fim. Mas o tio diria que qualquer nó pode ser desatado, só depende de tempo e conhecimento.

Às vezes, eu me sentava naquele tamborete do laboratório, em silêncio, e ficava apenas observando o tio Joaquim. Ele, vestido em seu jaleco branco, conduzia os experimentos com total atenção. Misturava substâncias, fazia anotações e, principalmente, ele refletia, ficava muito tempo parado, de braços cruzados, o olhar fixo em um ponto qualquer. E isso me fascinava. Eu sabia que ele estava refletindo sobre coisas importantes, não se entregava aos pensamentos inúteis que enchem nossas cabeças, mas a pensamentos produtivos, capazes de mudar a própria forma do pensar.

Desde que nasci, tio Joaquim vivia às voltas com um experimento que, aos cinco anos, começou a me intrigar. No entanto, ele recusava-se a explicar o objetivo de tudo aquilo, por que produzia aquelas substâncias de cores variadas, em forma gelatinosa, líquida, gasosa ou sólida. Algumas vezes, as mudanças de estado dessas substâncias provocavam a ira de meu tio.

Foi justamente quando eu estava com cinco anos que presenciei aquele homem sempre frio e calmo perder o controle e jogar contra a parede um *erlenmeyer* com um líquido roxo e viscoso. Ao espatifar-se sobre o azulejo, um gás da mesma cor espalhou-se pelo ambiente e exalou um cheiro de bicho morto.

Fiquei muito assustado com a agressividade do tio e, principalmente, por vê-lo de cabeça baixa, os cabelos assanhados e a respiração de quem chora. Saí correndo dali, fui refugiar-me no quarto de minha avó e prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria àquele laboratório. Mas, no dia seguinte, eu estava lá.

O tio olhou-me por sobre os óculos invisíveis e tentou sorrir.

— Ficou muito assustado ontem, viajante?

Confirmei, tímido, com a cabeça.

— Confie em mim, jamais lhe faria mal.

Sorri, afetuoso.

— Eu sei, tio.

Ele me deu as costas novamente.

— Tio, por que me chama sempre de “viajante”?

Ele não se virou, apenas resmungou:

— Um dia você saberá.

Naquele dia, não emitiu nenhuma outra palavra, e acho mesmo que se esqueceu da minha existência.

Tio Joaquim sempre foi um mistério para todos nós, inclusive para mim, apesar de eu ter sido a pessoa mais pró-

xima dele, a quem ele se permitiu revelar-se pelo menos um pouquinho. De sua infância, sei muito pouco. Minha mãe dizia que ele vivia isolado e era um leitor contumaz, lia muitos livros em uma semana, de todos os estilos e assuntos. Existe uma foto, meio desbotada: um menino magro, de óculos, cabelos castanhos e lisos sobre a testa, como uma touca capilar, os lábios superiores um pouco proeminentes, antes de ele usar aparelho nos dentes e corrigir aquele pequeno detalhe. Quando entrou na escola, estava à frente de todos os outros alunos e abominava os divertimentos típicos de sua idade cronológica, pois a idade mental do tio estava na faixa dos anos-luz.

Meu avô era muito dedicado ao futuro de tio Joaquim e conseguiu que o filho pulasse séries, já que tinha um conhecimento bem acima dos outros de sua idade. Assim, tio Joaquim iniciou sua primeira faculdade com dez anos, virou até matéria de jornal por causa disso. A partir daí, fez uma segunda faculdade, dois doutorados e alguns pós-doutorados. No entanto, apesar de sua genialidade, o tio ainda não tinha feito uma descoberta significativa e, por ter dificuldade de se adaptar a regras e horários, não conseguia ficar muito tempo em um trabalho formal. Ganhava algum dinheiro por meio de consultorias e palestras. Mas, com trinta e seis anos de idade, não era um homem rico, e acredito que nem mesmo quisesse isso. Ele passava o maior tempo possível em seu laboratório, pois o tio tinha uma obsessão, realizar uma grande descoberta.

Sobre a vida amorosa do tio, sabíamos muito pouco. Mas tenho quase certeza de que nunca teve uma namorada ou namorado, nunca se apaixonou. Ele estava acima de desejos animais ou de convenções sociais. Não tinha tempo para namoricos, sua dedicação era exclusiva ao conhecimento. Se alguém, algum dia, apaixonou-se por ele, o tio sequer deve ter percebido tal interesse. A solidão de tio Joaquim foi uma escolha, jamais uma condenação, ele vivia a vida que escolhera viver, e por isso sempre terá minha admiração.

Aos onze anos, eu era um menino gordinho, de óculos grandes, e sentia-me muito parecido com tio Joaquim. Essa semelhança, não física, mas de comportamento, provocava muito ciúme em meu pai, que até tentou me proibir de frequentar o laboratório do meu “tio esquisito”. Mas minha mãe lhe mostrou que não havia nada de mau em seu filho ser introspectivo e um leitor voraz. Por um tempo, ele ainda tentou me levar a jogos de futebol, até quis me matricular em uma escolinha para aprender a praticar o esporte. Mas um dia, com certa decepção, desistiu de me transformar naquilo que não sou. E algo que o incentivou a fazer isso foi o nascimento de meu irmão, o preferido de meu pai e a solução para os meus problemas, já que eu não precisava mais me preocupar em ser o “orgulho do papai”.

Quando fiz treze anos, o menino gordinho começou a emagrecer, fiquei esbelto (como dizia minha mãe, em tom jocoso), meu corpo começou a se transformar, músculos co-

meçaram a despontar. Como dizia minha avó, eu era enfim um “rapagão”.

Foi no meu aniversário de quinze anos que tio Joaquim decidiu contar-me seu segredo, e descobri que havia muitos anos eu fazia parte de seus planos naquela experiência tão insólita. Anos de pesquisa do tio seriam agora colocados à prova a partir de mim. Trocando em miúdos, eu era a cobaia do tio Joaquim. E, ao contrário do que podem pensar, não me senti usado; muito pelo contrário, senti-me honrado por ser seu escolhido. Agora eu podia entender por que ele insistia em me chamar de “viajante”, era o que eu era. Arrisco mesmo a dizer que nasci para isso, estava escrito nas estrelas ou nas dobras do tempo.